

## O RETORNO DE FERNANDO VII AO TRONO: REPERCUSSÃO NA AMÉRICA ESPANHOLA E PORTUGUESA.

## THE RETURN OF FERDINAND VII TO THE THRONE: ITS REPERCUSSION IN HISPANIC AND PORTUGUESE AMERICA.

## EL REGRESO DE FERNANDO VII AL TRONO: REPERCUSIÓN EN AMÉRICA ESPAÑOLA Y PORTUGUESA.

Ronaldo Bernardino Colvero<sup>i</sup>

**Resumo:** Em 1808, Napoleão Bonaparte, com sua política expansionista, faz acordos com o rei da Espanha Carlos IV, dizendo buscar acesso à Lisboa por seu território. A França neste período pós revolução Francesa representava uma ameaça aos Estados monarquistas. Assim que Bonaparte entra no território espanhol com suas tropas, com a permissão do rei, logo demonstra suas verdadeiras intenções de tomar toda a Península Ibérica. A Família Real portuguesa organiza-se e foge para sua colônia na América, o Brasil. Carlos IV abdica o trono em nome do filho Fernando, mas logo o trono é entregue efetivamente a Napoleão Bonaparte que o transfere a seu irmão José I. Fernando VII é mantido preso no castelo de Valençay em Bayona por seis anos, até que uma aliança anglo-hispano-lusa derrota suas tropas e, por medo de perder o território francês, Bonaparte devolve o trono pacificamente a Fernando VII através do Tratado de Valençay, assinado em 1813. Assim que retorna ao trono espanhol, Fernando VII encontra uma situação bastante diferente daquela que ele havia deixado para trás. A Espanha adotara uma Constituição liberal em seu nome. Suas colônias da América tiveram participação efetiva na constituição. A América espanhola já estava praticamente independente da Espanha. Fernando VII vai tentar reverter o processo, sem sucesso.

**Palavras-chave:** Fernando VII; Espanha; América; Portugal; Grã-Bretanha.

**Abstract:** In 1808 Napoleon Bonaparte, with his expansionist policy, makes agreements with the king of Spain Charles IV saying to seek access to Lisbon by his territory. France in this post-French Revolution period represented a threat to monarchist countries. Once Bonaparte enters the Spanish territory with his troops with the permission of the king, he soon demonstrates his true intentions to take over the entire Iberian Peninsula. The Portuguese Royal Family gets organized and flees to their colony in America, Brazil. Charles IV abdicates the throne in the name of his son Ferdinand, but soon the throne is effectively handed over to Napoleon Bonaparte, who transfers it to his brother José I. Ferdinand VII is held imprisoned in the Valençay's Castle in Bayonne for six years, until an anglo-luso-hispanic alliance defeats his troops, and by fear of losing the French territory, Bonaparte hands back the throne peacefully to Ferdinand VII through the Treaty of Valençay, signed in 1813. As soon as he returns to the Spanish throne, Ferdinand VII finds a situation quite different from the one he had left behind. Spain has had adopted a liberal constitution in his name. Its colonies in America had an effective part in the

constitution. Hispanic America was already practically independent from Spain. Ferdinand VII will try to reverse the process, unsuccessfully.

**Keywords:** Ferdinand VII; Spain; America; Portugal; Great Britain.

**Resumen:** En 1808, Napoleón Bonaparte, con su política expansionista, hizo acuerdos con el rey de España, Carlos IV, diciendo que buscaba el acceso a Lisboa a través de su territorio. Francia en este período posterior a la revolución francesa representaba una amenaza para los estados realistas. Tan pronto como Bonaparte ingresa al territorio español con sus tropas, con el permiso del rey, pronto demuestra sus verdaderas intenciones de hacerse cargo de toda la Península Ibérica. La Familia Real portuguesa se organiza y huye a su colonia en América, Brasil. Carlos IV abdica del trono en nombre de su hijo Fernando, pero pronto el trono se entrega efectivamente a Napoleón Bonaparte, quien lo transfiere a su hermano José I. Fernando VII se mantiene en el castillo de Valençay en Bayona durante seis años, hasta una alianza anglo-hispano-lusa derrota a sus tropas y, por temor a perder el territorio francés, Bonaparte devuelve el trono pacíficamente a Fernando VII a través del tratado de Valençay, firmado en 1813. Tan pronto como regresa al trono español, Fernando VII encuentra una situación muy diferente a la suya. Que había dejado atrás. España había adoptado una constitución liberal en su nombre. Sus colonias de América tuvieron una participación efectiva en la constitución. Hispanoamérica ya era prácticamente independiente de España. Fernando VII intentará revertir el proceso sin éxito.

**Palabras clave:** Fernando VII; España América Portugal Gran Bretaña.

O presente artigo tem a intenção de analisar o contexto em que Fernando VII, rei da Espanha fora aprisionado por Napoleão Bonaparte em 1808. Visa, também, analisar a atitude tomada pela Família Real Portuguesa em relação à invasão francesa a seu território neste mesmo ano, com intuito de desvencilhar-se da dominação francesa.

Num segundo momento, veremos como ficou a situação na Espanha, na América espanhola e na América portuguesa durante os seis anos de reclusão do rei espanhol. Analisaremos, também, o que estava acontecendo no Rio de Janeiro, em Buenos Aires e em Montevideú neste período.

Dois importantes pontos de discussão também são analisados: as aspirações de D. João VI e D. Carlota Joaquina com referência a questão do Prata e ainda a influência inglesa e sua ação frente a tais aspirações; e o Retorno de Fernando VII ao trono da Espanha em 1814 através do Tratado de Valençay assinado em 1813, como se deu este retorno e qual a reação dos espanhóis e americanos frente ao retorno ao absolutismo após um período liberal.

Trabalhando tais acontecimentos históricos, bem como suas relações, o presente trabalho busca um maior esclarecimento a respeito das conjunturas políticas e sociais da Espanha, Portugal e América no período compreendido entre 1808 a 1814. Inicialmente, dentre outras questões, será trabalhado o contexto de entrada das tropas napoleônicas em território espanhol, a abdicação do trono espanhol por Carlos IV e a permanência de Fernando VII no Castelo de Valençay. Em um segundo momento, será tratada a conjuntura na América em relação à derrocada do poder espanhol, os interesses de Grã-Bretanha e Portugal na questão hispânico-napoleônica, e o retorno de Fernando VII ao trono da Espanha.

Napoleão Bonaparte, sob o pretexto de invadir Portugal, angariou com Carlos IV, rei da Espanha, a autorização de introduzir as tropas francesas pelo território espanhol. Desta forma justificava a necessidade de entrada no território como caminho até Portugal. Inicialmente, o diálogo foi feito de maneira estratégica por Carlos IV, pois qualquer tipo de desentendimento com Napoleão – e suas tropas – não era a melhor opção. Além disso, a recente Revolução Francesa, então republicana, representava uma ameaça ao poder monárquico espanhol, e a melhor saída no caso de negociações com Bonaparte seriam acordos – jamais discórdias. É assinado então entre Espanha e França o Tratado de Fontainebleau na “Convenção Secreta”. Assim, a França afirmava ter por objetivo alcançar Lisboa através do território espanhol.

Na Espanha, quando começa a sentir a ameaça das tropas francesas alojadas em locais estratégicos do território espanhol, a corte começa a fervilhar. Em 1807, o Príncipe Fernando, numa seqüência alucinada de temor e aspiração ao trono espanhol, envia uma correspondência a Bonaparte na tentativa de garantir sua posição de rei vinculando-se de alguma maneira ao poder de Napoleão.

Nesta carta prometia submissão à Napoleão e buscava vincular-se ao poder Frances ao pedir em casamento alguma princesa da família de Bonaparte; no mesmo ritmo desesperado o Príncipe dá um golpe na tentativa de destronar o pai Carlos IV, porém o golpe é descoberto e o príncipe é perdoado.

El llamado “Proceso del Escorial”, que fue abierto a causa de lo que entonces se dijo había sido un intento de destronar AL Rey y a atentar contra la vida de la reina, demuestra con claridad la situación en la que se encontraba la Monarquía Española. Esta intento de golpe que, al parecer, fue urdido con la

participación del Príncipe Fernando, fue decubierto siendo arrestados los implicados. (BRANCATO, 1999 p. 44)

A população espanhola começa a sublevar-se à presença das tropas francesas em seu território e já prevendo a intenção francesa de dominar a Península Ibérica e não somente Lisboa. Em 17 de março de 1808 inicia-se uma revolta popular, na qual a população espanhola buscava expulsar os franceses de seu país.

Cunado los franceses empezaron a ocupar importantes plazas españolas, tales como la ciudadela de Pamplona, El Castillo de Figueras y Barcelona, no cabia Duda alguna: los franceses no estaban em España solo de paso hacia Portugal. (...) Pero la verdad ES que, por mucho que quisieran creerse lãs buenas intenciones de Napoleón, los hechos venían a probar que lo que él pretendia era, eso sí, ensoñearse de España, como ya había hecho con otras Naciones. (BRANCATO, 1999, p. 44)

No dia seguinte o rei Carlos IV na certeza do conflito com a França abdica sua coroa em nome de seu filho Fernando, que se tornaria Fernando VII<sup>ii</sup>, A população, que reclamava a fraqueza se Carlos IV, plantou então no novo rei de Espanha todas suas esperanças de paz, liberdade e prosperidade. Compreensível a frustração popular quando o breve reinado do jovem príncipe foi interrompido, pois “[...] los anhelos de renovación se sumaron sentimientos exaltados de patriotismo y lealtad de los españoles” (LANDAVAZO, 2001, p. 68). O secretário de Estado de Fernando VII, Dom Pedro Cevallos, expões tal sentimento e, também, uma crítica a Bonaparte em documento de 1811:

A dynastia de Burbon (diz Bonaparte com seus sectários) tem degenerado, e o Rei Fernando carece das virtudes precisas para o governo do Estado. São baldados os intentos de Bonaparte: os Hespanhoes não dão credito algum às suas imposturas; o amor a ElRei está radicado nos seus próprios corações; e he cada dia mais extenso<sup>iii</sup>.

Embora a população tinha um carisma muito forte com Fernando VII e acreditavam muito na possibilidade de mudança da Espanha, porém sua primeira esposa Maria Antônia, não parece acreditar tanto assim e escreve que seu esposo não tinha nenhum tipo de obrigação, era um infeliz, que não havia sido educado para ser príncipe, embora fosse uma pessoa boa, e que dele não queria nada, Maria Antônia tinha ódio de Napoleão e a tudo que ele representava na Europa.

Maria Antonia escribió em 1802 cuando, culta y refinada, se encontro unida a um marido ocioso, si obligaciones ni intereses em los que emplear su tiempo: El príncipe es un infeliz que no ha sido educado; es bueno pero no tiene instrucción ni talento natural, ni tampoco viveza; es mi antípoda y yo, para mayor desgracia, no le quiero nada. (QUERALT , 1999, p. 29)

Mesmo assim podemos afirmar que Maria Antônia foi um figura de suma importância para a vida de Fernando VII, pois aproximou muitas pessoas fieis a ele.

De hecho, las circunstancias políticas se impusieron a su historia personal y Maria Antonia pasó por la vida de Fernando como la persona que supo trazar las líneas maestras sobre las que construir el complejo entramado que le concedió protagonismo político. Contó para ello con la complicidad del canónigo Escoiquiz, que le rodeó de un compacto grupo de fieles, el llamado “partido fernandino” en cuyas filas militaban figuras tan destacadas en la corte.(QUERALT , 1999, p. 37)

Não demorou a Napoleão convocar a Família Real espanhola a Bayona, e em território Frances Carlos IV foi obrigado a voltar atrás sobre a abdicação, retomar a coroa para assim novamente abdicá-la em nome de Napoleão Bonaparte, “*Por entonces, Napoleón preparaba las cosas para llevar a cabo el último acto de la comedia: estaba decidido a colocar en el trono español a un Bonaparte*” (BRANCATO , 1999, p. 47) o que parecia já estar acordado previamente, a coroa da Espanha foi dada a José I, irmão de Napoleão que como um fantoche governou a Espanha por seis anos. O que foi feito em Bayona foi descrito pelo Dom Pedro Cevallos como “atrocidades”, demonstrando, também, um descontentamento com as agitações na América espanhola.

Conheceo que as Americas não alimentarião jamais a sua [de Bonaparte] ambição, e para que não accudissem com os seus tnesouros ao socorro da Hespanha, pôz em movimento todas as molas do seu gênio corruptor. Nomeou por tanto Emissários que excitassem o fogo da insurreição da América [...] <sup>iv</sup>.

Os acordos feitos em Bayona não eram do agrado de grande parte da população espanhola<sup>v</sup>, e Fernando VII a princípio teria resistido ao devolver sua coroa ao pai. Mas logo passou a colaborar com a política napoleônica, fato que demonstra a maleabilidade de Fernando na busca de garantir seu bem estar. Ficou retido Fernando VII no Castelo de Valençay até o ano de 1814, quando articulações internacionais de Espanha, Portugal e Grã-Bretanha garantiram a derrota de Bonaparte.

Mientras em Bayona los soberanos españoles entregaban al conquistador corso todo lo que este exigía; en España se iniciaba una fuerte resistencia que se prolongaría hasta 1814, año em que asumió, nuevamente, el poder Fernando VII.(BRANCATO, 1999, p.48)

Durante os seis anos de resistência espanhola à dominação francesa a Espanha dividiu-se entre os que legitimaram Bonaparte (uma minoria) e os que resistiram e lutaram (a quase totalidade da população). Para aqueles que resistiram o governo estava vazio enquanto governado por José I, então sentiram a necessidade de serem representados em seus direitos e para isto em 25 de setembro de 1808 foi criada a Junta Central e sob sua égide as Cortes e a partir destas em 1812 viria a Constituição de Cádiz.

Nas colônias espanholas da América houve um estado de ignorância dos acontecimentos por um pequeno espaço de tempo e logo após o esclarecimento da dominação francesa sentiu-se o esvaziamento do poder real legítimo, já que a quase totalidade das colônias não legitimaram o poder de José I.

Assim tomando como poder legítimo a Junta Central partes da América espanhola igualmente a partes da Espanha criaram suas cortes<sup>vi</sup>, porém a situação na América era muito mais complexa, pois esta comportava uma elite econômica que não tinha direitos políticos e a muito os aspirava, eram os criollos<sup>vii</sup>, ou seja, descendentes de espanhóis nascidos na América e que embora possuíssem poder aquisitivo não tinham direitos políticos, estes iniciaram um movimento autonomista nas colônias.

A principal bipolaridade política acontecia entre Buenos Aires e Montevideú, já que a segunda reconheceu legitimidade no Conselho de Regência, instrumento que foi imposto como substitutivo da Junta Central em 1810 pelos franceses, enquanto a primeira lutava por autonomia nas decisões políticas, e, com isso Montevideú se tornou o centro de resistência do movimento autonomista na América, ou o baluarte da América pelo poder do rei.

Na Espanha a divisão era clara entre a elite, que aceitava a ocupação do território espanhol pelas tropas francesas, os “afrancesados”, que legitimavam Bonaparte, os tradicionalistas, que eram absolutistas e os reformistas, que viam na luta a possibilidade de mudanças através de uma nova constituição.

(...) de 1808 a 1814, estuvo caracterizada por la ausencia del rey , em cuyo nombre gobernaron sucesivas Juntas y Consejo de Regencia; durante partede este período lãs tropas napoleónicoas ocuparon la casi totalidad Del teriitorio, hasta dejar AL Gobierno reducido a la península de Cádiz. (HEREDIA, 1997, p. 13)

A Constituição de Cádiz, de 1812, tinha como princípio político o liberalismo, onde na falta de um soberano a soberania cabia ao povo, ela fora redigida pelos reformistas, ou seja, pelos que representavam a maioria da população, “Com la sansión de la contitución en marzo de 1812 toda la expectativa se centró em su aplicacion y resultados en América”. (HEREDIA, 1997, p.13)

A partir de 1812 e da constituição de Cádiz as cortes ganharam maior autonomia nas decisões políticas, o que muito agradou aos autonomistas de Buenos Aires, alguns dos quais, pela primeira vez na história, participaram das decisões sobre a constituição, porém uma constituição liberal não daria certo numa América colonial em processo independentista e fragmentada de interesses diversos.

Por trás de todo este contexto a Grã-Bretanha interessada, sempre economicamente, pela independência espanhola articula a união de forças entre Portugal, Espanha e a própria Grã-Bretanha, onde esta rompeu o bloqueio continental da França e a aliança venceu militarmente as tropas napoleônicas em 1813.

Napoleão vencido sentiu o perigo de perder também a França para a aliança que lhe tomou de volta a Península Ibérica, e para assegurar-se de que tal fato não ocorreria em 1814 assina com Fernando VII o Tratado de Valençay, no qual reconhece o mesmo como o monarca legítimo da Espanha, devolvendo a ele o trono pacificamente, o traidor da Espanha foi derrotado.

Enquanto na América espanhola desde 1808 o esvaziamento do poder era sentido fazendo com a movimentação constante que política amadurecesse, na América portuguesa, ou Brasil, desde o mesmo ano um desenvolvimento estrutural divisor de águas se implantava com a chegada da Família Real portuguesa, que pelo mesmo motivo de temor a Napoleão organizou-se e refugiou-se na sua colônia.

Desde a chegada da corte portuguesa o Brasil precisou adaptar-se e para isto modernizar-se, ou desenvolver-se política, econômica, tecnológica e socialmente e enquanto a América espanhola fervilhava em movimentos autonomistas no Rio de Janeiro pairava a calma e o desenvolvimento da colônia que tornara-se sede do poder português.

D. João VI, rei de Portugal tinha por esposa D. Carlota Joaquina, filha de Carlos IV e irmã de Fernando VII, com isto assim que Napoleão aprisionou ambos D. João VI já no Brasil sentiu o receio da possível expansão territorial almejada pelo francês, o que poderia lhe causar perdas territoriais na América, agora sua casa. A Região de Montevidéu, ou Região do Prata, era o baluarte de apoio a legitimidade monárquica, e era igualmente localizada numa fronteira que naturalmente pertenceria ao Brasil.

Com objetivos distintos D. João VI e D. Carlota Joaquina iriam tentar se aproveitar do vazio de poder espanhol para empreender seus projetos; ele enquanto rei de Portugal interessava-se em expansão territorial, ela enquanto descendente dos Bourbon reclamaria legitimidade enquanto rainha da Espanha, ou ao menos como vice-rainha da Região do Prata.

A intenção de ampliar os limites territoriais do Brasil, pelo menos até a fronteira natural do Rio da Prata, e de submeter pelo menos parte das colônias espanholas da América do Sul à autoridade da monarquia portuguesa estava presente no espírito de d. Rodrigo de Souza Coutinho e de outros membros da corte quando sustentavam que a retirada não se destinava apenas a colocar a família real em segurança, constituindo também a oportunidade de uma nova expansão que haveria de conferir à monarquia portuguesa a capacidade de a partir da América, interferir no equilíbrio europeu. (PEDREIRA; COSTA, 2008, p. 236)

Porém a Grã-Bretanha que visionava a possibilidade da necessidade de uma união entre Portugal e Espanha para a derrota das tropas napoleônicas, e além disso aspirando as possíveis concessões a serem recebidas da Espanha após seu apoio neste conflito não interessava-se pelas aspirações de D. João VI e muito menos às de D. Carlota Joaquina, que possivelmente ao tornar-se vice-Rainha do Prata o faria independente e tiraria do domínio espanhol o riquíssimo Prata, tão importante economicamente para a economia inglesa, que ali escoava livremente seu comércio e que após ter feito “favores” à Espanha possivelmente passasse a ser de seu monopólio.

Assim a Grã-Bretanha impediu que as aspirações de ambos fossem em frente, de maneira direta com o rei e indiretamente com a rainha, ao passo que pressionava D. João para conter D. Carlota, fazendo assim com que ele jamais admitisse a intervenção de sua esposa na América espanhola sem que houvesse um pedido por escrito da Região do Prata, assim como uma autorização do conselho de Regência para que Carlota assumisse o vice-reinado, mas Carlota jamais desistiria, articulando constantemente e comunicando-se diretamente com a Junta Suprema Central Governativa da Espanha.

A atitude de Carlota Joaquina revela não só o seu interesse pelos planos do governo no que se referia ao Prata, que acompanhava de perto, como igualmente o seu posicionamento no sentido de ganhar espaço para uma intervenção própria na questão platina tão logo o ensejo se oferecesse. (PEDREIRA; COSTA, 2008, p. 240)

Nem a Região platina nem a Espanha tinham, no entanto, por interesse a intervenção de Carlota Joaquina, pois esta era esposa do rei de Portugal e temia-se a expansão territorial, assim como o Conselho de Regência queria autonomia para suas decisões. E, finalmente em 1814, com o retorno de Fernando VII ao trono de Espanha, as aspirações de Carlota Joaquina faliram e na América espanhola as mudanças fizeram-se sentir rapidamente.

Si em algún momento Fernando consiguió esse afecto que tanto buscaba fui graças al mito que el pueblo creó em torno a su persona: hijo traicionado por una madre disoluta em favor de um amante ambicioso, viudo precoz, prisionero Del Enemigo por antonomásia em valençay... Uma combinación cuyo resultado sería um héroe legendário, a médio camino entre la tragédia griega y la historiografía romântica, que conmovió el corazón popular y se hizo próximo y entrañable. (QUERALT, 1999, p.12)

Ao retornar a Madri o rei Fernando VII fora aclamado por todos, pois embora aquelas divisões de interesses todos depositavam no retorno do rei a prosperidade do país que por seis anos foi sistematicamente arrasado por Napoleão Bonaparte e suas tropas.

A recepção calorosa dos espanhóis ao novo rei porém despertou no mesmo o convencimento de sua soberania, e daí em diante Fernando VII buscava novamente centralizar o poder em suas mãos reinstaurando já em 4 de maio de 1814 o absolutismo, trocando o novo pelo antigo novamente, é abolida a nova Constituição de 1812 e as

Cortes, os reformistas, aqueles mesmos que garantiram a não dominação completa de Bonaparte foram perseguidos por suas ideias liberais.

Ao retornar ao trono de Espanha Fernando VII igualmente não admitiu as “liberdades” tomadas pela América e sem discutir impôs uma política de repressão pela força aos movimentos de independência, além de centralizar novamente os assuntos americanos no Conselho de Índias.

O retorno de Fernando VII representou para a América portuguesa o fim das aspirações de Carlota Joaquina e, mesmo que debaixo dos panos, as de D. João VI. Já na América espanhola a situação foi bastante conturbada tendo em vista que durante o aprisionamento do rei da Espanha a América espanhola dividiu-se entre autonomistas e monarquistas.

Sendo Montevidéu o ponto de resistência aos movimentos autonomistas com a volta do rei esta não sofreu nenhuma repressão. Já Buenos Aires, onde se centravam os movimentos autonomistas e onde se deu um amadurecimento político a partir dos criollos insatisfeitos com sua antiga situação política a notícia de que seria reinstaurado o absolutismo não chegou nada bem. Uma vez livres de quaisquer restrições constitucionais, as autoridades no Novo Mundo perseguiram e sufocaram a maioria dos movimentos que buscavam autonomia. Neste esgarçamento dos movimentos que poderiam representar alguma ameaça à soberania espanhola, apenas a região mais isolada do Prata permaneceu fora do alcance da repressão deflagrada pela já enfraquecida monarquia espanhola (PAMPLONA; MÄDER, 2007, p.13). Qualquer tipo de resistência ao poder espanhol, na figura de Fernando VII, deveria ser sufocado, pela permanência do poder absolutista e pelo controle da metrópole sobre a América espanhola.

Fernando VII no estaba dispuesto a aceptar el régimen constitucional, porque al margen de otras consideraciones, este sistema era contrario a su manera de entender la monarquía y la función de su titular. Fernando fue muy consciente de su elevada condición y siempre aspiró a ser rey con el ejercicio pleno del poder, sin tolerar límites a su autoridad. No podía asumir ninguna Constitución y menos aún la española de 1812, que lo convertía en un órgano constituido con sus facultades expresamente restringidas, y le privaba de poder constituyente. (LÓPEZ, 2014, p. 211)

O rei da Espanha mandou seu último navio comprado dos russos, já em más condições para viagem, mas o único ainda capaz de suportar uma viagem até a América, nele vieram soldados já defasados de munições e todo este esforço já demasiadamente enfraquecida Espanha do pós guerra se deveu a alucinada idéia de Fernando VII em reprimir os movimentos liberais, autonomistas ou separatistas, ele ainda sonhava restabelecer sua soberania nas colônias da América e foi neste intuito que investiu as últimas economias da Coroa.

Mais uma vez para tal empreendimento a Espanha dependeu da Grã-Bretanha que muito caro cobraria por seus favores a Coroa espanhola, Fernando VII efetivara um acordo onde garantia o monopólio do comércio da América espanhola em pagamento pelos favores oferecidos. “Así, em Julio de 1814 se celebró el tratado de paz, amistad y alianza cuyo artículo 4º ponía a Grã-Bretanha em situación favorable para acceder AL comercio em la América española.”(HEREDIA, 1997, p. 23)

A atitude do rei espanhol do não diálogo e do ataque frenético aos americanos de suas colônias causou ainda maior revolta entre os mesmos, reforçando o desejo de autonomia administrativa o que desencadearia as independências e fragmentações da América espanhola apenas 2 anos mais tarde.

Pode-se afirmar que a América espanhola iniciou seu processo de independência no mesmo ano em que a Família real portuguesa chegou ao Brasil, em 1808, pois a sensação do vazio de poder causada pela prisão do rei espanhol proporcionou aos criollos uma ascensão política que anteriormente era impossível. E, com isto, houve um amadurecimento das instituições políticas americanas.

Um aspecto interessante a ser relevado é exatamente o crescimento paralelo das autonomias das Américas espanhola e portuguesa, a partir de 1808; a espanhola sobre forte caráter republicano, autonomista e a portuguesa como sede do poder real português teve a oportunidade de deixar de ser apenas uma colônia de exploração para passar a condição de reino com todo seu aparato estrutural.

Quando da chegada da corte portuguesa no Brasil, com todo seu aparato administrativo que foi instalado na colônia americana, além da abertura dos portos que se fez necessária para manter o comércio ativo com a Grã-Bretanha e assim garantir os

cofres da mesma e também da corte portuguesa, o Brasil passou automaticamente de colônia a sede do poder, ou seja, todas as resoluções que cabiam a corte eram emitidas do Brasil para Portugal, porém somente em 1815 a situação brasileira foi oficializada perante a política internacional, este fato consistiu na elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarves.

Contudo podemos afirmar que paralelamente ao que ocorreu na América espanhola, porém de maneira diferenciada, desde 1808 o Brasil iniciou um processo de autonomia administrativa e política, ainda nos moldes monárquicos (já que não dependeu da independência para iniciar tal processo) e regido pelo rei português, mas ganhando espaço na política e na economia internacional.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir com a presente análise de fatos históricos aqui rapidamente discutidos que a ação Napoleônica em relação à Espanha foi realmente uma traição. A Coroa espanhola confiara a ele seus territórios, firmando tudo em tratados e de repente Napoleão já instalado estrategicamente na Espanha a domina através das mesmas tropas a que garantia fossem ser utilizadas para a tomada de Lisboa.

Durante o aprisionamento de Fernando VII uma classe reformista teve a oportunidade de ascender ao poder na Espanha e dizendo-se em nome do rei fizeram uma constituição liberal admirável para seu tempo. O destaque se deu principalmente pela participação popular que embora deixasse de fora os africanos incluía os americanos, que até então nunca tiveram a oportunidade de participação política alguma na Metrópole.

Neste mesmo espaço de tempo, na América espanhola houve um florescimento político, mesmo que não entre todas as camadas sociais, mas que proporcionou a ascensão dos criollos ao meio político. A ausência de Fernando VII foi fundamental para as independências na América espanhola, pois permitiu uma participação política e administrativa que levou à consciência da necessidade e capacidade de separação da Espanha.

No Brasil neste meio tempo articulava-se no intuito de aproveitar-se da ausência de um rei legítimo. D. João aspirou expandir territórios, D. Carlota aspirou ser rainha de Espanha, ou ao menos vice-rainha do Prata. No caso de D. Carlota seu intuito perdeu o sentido em 1814, quando seu irmão retoma o trono espanhol.

Enquanto a América espanhola aflorava politicamente sem um rei o Brasil sediava a Família Real, ou seja, o poder português, ambas mesmo que por caminhos diferentes tiveram no período de 1808 a 1814 as bases de sua independência política. A América espanhola através das lutas e diferenças, e o Brasil através dos benefícios que chegaram junto com a corte em 1808 e que lhe fizeram reino em 1815.

Submetido em: 27/11/2019

Aprovado em: 06/12/2019

Publicado em: 24/12/2019

## REFERÊNCIAS

BRANCATO, Braz Augusto Aquino. **Don Pedro I de Brasil, posible Rey de España: una conspiracion liberal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. P.44-45.

DUQUE, Sabrina. Do crioulo ao “*criollo*”: traduzindo a língua de escravos da américa portuguesa para a língua de escravos na américa hispana no século XIX. **Belas Infieis**, v. 5, n. 2, 2016. p. 76.

HEREDIA, Edmundo A. **Los Vencidos**: Um estudio sobre los realistas em la guerra de independência hispanoamericana. Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 1997. P. 13.

LANDAVAZO, Marco Antonio. La sacralización del rey: Fernando VII, la insurgencia novohispana y el derecho divino de los reyes. **Revista de Indias**, v. 61, n. 221, 2001.

LÓPEZ, Emilio La Parra. La restauración de Fernando VII en 1814. **Historia Constitucional**, n. 15, 2014.

PAMPLONA, Marco A; MÄDER, Maria Elisa. **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: Região do Prata e Chile. São Paulo: editora Paz e Terra, 2007.

PEDREIRA, Jorge; COSTA, Fernando Dores. **D. João VI**: um Príncipe entre dois continentes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

QUERALT, Maria Pilar. **La Vida Y La Época de Fernando VII**. Barcelona: Editora Planeta, 1999.

## FONTES UTILIZADAS:

### Acervo da Biblioteca Nacional Digital

CEBALLOS, Pedro. **Politica particular de Bonaparte quanto á religião catholica; ou meios de que elle se vale para a extinguir; e subjugar os hespanhóes pela seducção, já que os não póde dominar pela força. He seu author dom Pedro Cevalhos, ex-ministro, e secretario d'estado d'elrey Fernando VII. Que presenciou, e manifestou a toda a Europa as atrocidades commettidas em Baionna no anno de 1808. Impresso em Cadiz no mez de Dezembro de 1811, traduzido, e impresso em Lisboa em Março de 1812.** Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1812. 44 p., 19,5 cm. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/bndigital1456/bndigital1456.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/bndigital1456/bndigital1456.pdf). Acesso em: 20 nov. 2019.

---

<sup>i</sup> Doutor em História, professor Associado da Universidade Federal do Pampa, do Mestrado Profissional em Políticas Públicas da UNIPAMPA, Campus São Borja e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio cultural da UFPEL

<sup>ii</sup> A partir do nascimento de Fernando VII, seus pais tiveram uma grande preocupação em encontrarem uma criada que cuidasse do recém nascido com dedicação e esta deveria ter muitas qualidades. Teve um padre como professor até os 10 anos de idade, este padre era ligado ao seminário de Badajos. Entre o que estudava estava o latim, história, geografia, filosofia, química e física. Todos estes ensinamentos deveriam ter uma associação com a religião. O pensamento político de Fernando VII sofreu influência de Juan Escoiquiz um pedagogo que brigava com a igreja católica por estar vivendo com uma mulher sem a aprovação da igreja. Ver mais em (QUERALT, 1999).

<sup>iii</sup> CEBALLOS, Pedro. **Politica particular de Bonaparte quanto á religião catholica; ou meios de que elle se vale para a extinguir; e subjugar os hespanhóes pela seducção, já que os não póde dominar pela força. He seu author dom Pedro Cevalhos, ex-ministro, e secretario d'estado d'elrey Fernando VII. Que presenciou, e manifestou a toda a Europa as atrocidades commettidas em Baionna no anno de 1808. Impresso em Cadiz no mez de Dezembro de 1811, traduzido, e impresso em Lisboa em Março de 1812.** Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1812. 44 p., 19,5 cm. Acervo da Biblioteca Nacional Digital.

<sup>iv</sup> CEBALLOS, Pedro. **Politica particular de Bonaparte quanto á religião catholica; ou meios de que elle se vale para a extinguir; e subjugar os hespanhóes pela seducção, já que os não póde dominar pela força. He seu author dom Pedro Cevalhos, ex-ministro, e secretario d'estado d'elrey Fernando VII. Que presenciou, e manifestou a toda a Europa as atrocidades commettidas em Baionna no anno de 1808. Impresso em Cadiz no mez de Dezembro de 1811, traduzido, e impresso em Lisboa em Março de 1812.** Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1812. 44 p., 19,5 cm. Acervo da Biblioteca Nacional Digital.

<sup>v</sup> LÓPEZ, Emilio La Parra. La restauración de Fernando VII en 1814. *Historia Constitucional*, n. 15, 2014. p. 207.

<sup>vi</sup> As cortes diziam-se governar em nome de Fernando VII, mas na verdade eram compostas também de liberais reformistas que pretendiam mudanças estruturais na política espanhola e já na América espanhola.

<sup>vii</sup> Na América espanhola, o termo “criollo” era usado para definir os espanhóis nascidos nas colônias. DUQUE, Sabrina. Do crioulo ao “criollo”: traduzindo a língua de escravos da américa portuguesa para a língua de escravos na américa hispana no século XIX. *Belas Infiéis*, v. 5, n. 2, 2016. p. 76.